

DF - educação

Reprovação é debatida na rede pública

Ivaldo Cavalcante

A reprovação de 123 mil e 200 alunos da rede oficial de Brasília, estimada pela Fundação Educacional (FEDF), abriu amplo debate entre pais e diretores regionais de ensino. É que os pais querem, além de uma justificativa para o elevado número de repetência (o índice corresponde a 35% dos alunos matriculados nas escolas públicas), a realização de uma recuperação especial em fevereiro. Os números definitivos só serão divulgados pela Fundação no dia 12 de janeiro.

Na Ceilândia e no Gama, onde é esperado o maior número de reprovações, os debates são mais acirrados, acontecendo todos os dias, em escolas diferentes. Hoje, às 14h00, na Escola Classe 46, a população se reúne com representantes da FEDF, Sindicato dos Professores e Associação União e Luta do P Sul para discutir as origens da reprovação. Porém o objetivo principal do encontro é forçar a aprovação da recuperação especial, que vai beneficiar cerca de 37 mil alunos só na Ceilândia.

As queixas

As reclamações mais frequentes, segundo Irene Azevedo, da regional do Gama, estão relacionadas com a constante troca de professores ao longo do ano. "O leque de queixas é enorme, mas o que os pais querem é que o ano de 88 seja visto com outros olhos, levando em conta os fatores que interromperam o processo educacional". Irene disse que as discussões têm sido proveitosas e a sua preocupação é frisar que apenas a recuperação não garante a aprovação.

Estes debates estão servindo para uma reflexão sobre o processo educacional como um todo. Cada regional está fazendo um diagnóstico do que aconteceu ao longo do ano. Alguns fatores, entretanto, são comuns no DF: a diversificação da clientela, as condições sociais, a

estrutura familiar e a própria administração das escolas são responsáveis pelo declínio do ensino, segundo avaliação das regionais de Sobradinho, Gama e Taguatinga.

A diretora regional do Gama afirma que mais de 50% dos alunos de escolas da periferia só estão preocupados com a merenda. "Para estes, o objetivo da escola não é ensinar, mas alimentar", comenta. Ela explica que neste caso o rendimento do aluno só acontece nas duas primeiras aulas. Nas três últimas, o nível fica condicionado à merenda escolar.

A estrutura física das escolas e a falta de material didático também são fatores fundamentais no processo. "No caso do Ciclo Básico (1ª e 2ª séries do 1º grau), sem material o professor não tem condições de exercitar o aluno. Este ano foi crítico, pois a ausência de material foi generalizada, faltando até objetos de primeira necessidade como o giz", comenta a assistente de direção da regional de Sobradinho, Maria Elisa Rezende.

Currículo

É preciso rever o currículo escolar. Esta também é uma conclusão dos debates entre pais e diretores. Os diretores acreditam que é preciso ampliar ou modificar a carga horária de português. "São necessários pelo menos 10 horas semanais para o estudo de português. Hoje a carga é de apenas 5 horas no 1º grau e 6 no 2º grau".

Para a diretora regional do Gama a solução é criar uma integração de Português com as demais disciplinas do currículo. Os professores de Geografia, História e Ciências, por exemplo, devem verificar também a gramática. "O problema todo é decorrente da comodidade das provas objetivas, onde o aluno não escreve. Ele marca apenas um x ou preenche uma lacuna".



Ana Paula e Sandra reclamam da qualidade do ensino

Ana e Sandra: atrasadas

Ana Paula e Sandra têm 13 anos e fizeram a 7ª série na Escola Classe 23 da Guariroba. A maior preocupação delas é com a qualidade do ensino. E afirmam com segurança, que "quem estuda em escola da Fundação não consegue passar no vestibular".

As duas querem uma vaga na Escola da Fundação Bradesco pois acham que essa será a melhor forma de "garantir o futuro". "Até trabalho", diz Ana Paula, "a gente tem garantido quando sair dessa escola".

Sandra, apesar da mágoa com alguns professores, mostra-se capaz de compreender sua situação: "Tem muito professor que não gosta mesmo de explicar. Se a gente tem dúvida e pergunta, vem logo reclamando do salário.

Ana Paula acha "dureza" comparar o que está aprendendo na escola pública com o que outras amigas estão aprendendo na escola particular. "Já aconteceu muito. Eu abro o caderno de uma amiga da 5ª série, por exemplo, e vejo que ela está estudando uma coisa que eu só fui saber na 7ª".

As duas quiseram mandar um recado para as autoridades educacionais e escreveram exatamente o seguinte: "Ao pessoal da Fundação. Se vocês tivessem mais força de vontade, talvez o ensino público fosse mais fácil de ser desenvolvido", Paula, 13 anos; "eu pediria à Fundação que eles dessem apoio às escolas da Fundação já que dizem que somos o futuro do Brasil. Que fossem mais cautelosos na escolha de um professor", Sandra, 13 anos.